

**2º Encontro
Pré-ERAM de
Mulheres**

Ilustração Zica Pires

**Racismos: entender pra
enfrentar e transformar**





A noite não adormece nos olhos das mulheres

Conceição Evaristo

[Em memória de Beatriz Nascimento]

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
há mais olhos que sono
onde lágrimas suspensas
virgulam o lapso
de nossas molhadas lembrança

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
vaginas abertas
retêm e expulsam a vida
donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
e outras meninas luas
afastam delas e de nós
os nossos cálices de lágrimas.

A noite não adormecerá
jamais nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede
de nossa milenar resistência.

O que é o racismo?

O racismo faz parte da estrutura política e econômica de desigualdade gerada pelo capitalismo, que violenta, empobrece, mata e marginaliza pessoas não brancas. Baseado na falsa ideia que hierarquiza raças humanas em superiores e inferiores, o racismo se manifesta consciente e inconscientemente, através de valores sociais, da cultura, nas religiões, em escolas, nos locais de trabalho, em instituições e em outras esferas da vida, produzindo privilégios para pessoas racializadas como brancas e desvantagens para negros, indígenas e outros sujeitos racializados como não-brancos. Esse sistema de dominação interage com outros, como o patriarcado e o próprio capitalismo.

No Brasil, devido ao papel da escravatura na organização da sociedade, a população negra é uma das principais vítimas desse sistema de discriminação. 1984, a intelectual e militante feminista e antirracista Lélia Gonzalez escreveu, em “Racismo e sexismo na Cultura Brasileira”: “desde a época colonial aos dias de hoje, percebe-se uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. O lugar natural do grupo branco dominante. São moradias saudáveis, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes formas de policiamento que vão desde os feitores, capitães de mato, capangas, etc., até à polícia formalmente constituída. Desde a casa grande e do sobrado até aos belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido o mesmo. Já o lugar natural do negro o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, invasões, alagados e conjuntos ‘habitacionais’ (...)”.

Raça é uma forma de classificação de animais e plantas, do campo de estudos da biologia. Entre os seres humanos não se mencionava com



força a ideia de raça até o século XVI. A ideia de raça ganha força com as invasões da Europa na África, na América Latina e na Ásia, para justificar o sequestro, o roubo, a exploração e a dominação de pessoas e lugares-territórios. Passou-se a definir o branco em uma posição superior, inclusive em termos de habilidades físicas, mentais e sociais, para justificar a exploração e dominação sobre o não branco. Em uma posição inferiorizada, principalmente homens e mulheres africanos, mas também indígenas nas Américas e em outros continentes. Desta maneira, invasores europeus passaram a destruir comunidades, formas de vida e trabalho, culturas, conhecimentos e saberes, para a produção do colonialismo e da escravidão, a serviço do acúmulo de capital na Europa.

Somente a partir do século XX, que ganhou força a ideia de que não há diferenças biológicas e/ou culturais que constituam raças entre os seres humanos e que justifique o sistema racista de superioridade e inferioridade.

Mesmo com a perda do respaldo científico, a noção de raça continua como um fator político que, na maioria das vezes, se utiliza de diferenças físicas (como cor da pele e outras características), culturais e intelectuais, para legitimar violências, desigualdades, marginalizações, segregações e a negação, retirada e diminuição de direitos sociais e humanos.

❖ **Como vem se** ❖ **estruturando o racismo?**

O racismo se consolidou principalmente com a exploração econômica e territorial da escravidão, promovida pelo colonialismo que se estruturou a partir da invasão da Europa sobre as nações e povos da América Latina, África e Ásia. Assim como o racismo se relaciona com o patriarcado e o capitalismo, ele também se relaciona e é parte do colonialismo, uma



ideologia que ganhou força no fim do século XVII e que mesmo depois da abolição da escravidão e da independência dos países americanos e africanos, continuou a se reproduzir.

Uma das formas de dominação racista e colonial acontece pela internalização da ideia de inferioridade. Termos como “coisa de preto”, “coisa de índio”, “coisa de mulher” e “coisa de pobre”, mobilizados para diminuir as pessoas, ilustram a batalha cotidiana de recusa sobre essa inferiorização. Sobre isso, Lélia Gonzalez dizia:

“Por que vivem dizendo prá gente se pôr no lugar da gente? Que lugar é esse? Por que será que o racismo brasileiro tem vergonha de si mesmo? Por que será que se tem “o preconceito de não ter preconceito” e ao mesmo tempo se acha natural que o lugar do negro seja nas favelas, cortiços e alagados? É engraçado como eles gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse r no lugar do l, nada mais é que a marca linguística de um idioma africano, no qual o l inexistente. Afinal, quem que é o ignorante? Ao mesmo tempo, acham o maior barato a fala dita brasileira, que corta os erres dos infinitivos verbais, que condensa você em cê, o está em tá e por aí fora. Não sacam que tão falando pretuguês”.

Frente à desigualdade, à superexploração, à dominação, à violência e ao racismo como um todo, o povo negro reinventou a vida com beleza, construiu formas de enfrentamento, resistência e lutas no mundo e no Brasil. Um dos exemplos importantes pelo mundo foi a Revolução do Haiti (1791-1804), na perspectiva da libertação e da igualdade de classe. No Brasil, desde os interiores, periferias e favelas as lutas e movimentos sociais têm produzidos avanços para o conjunto da sociedade, como podemos ver na citação abaixo:



“Dentre as conquistas e avanços obtidos na história recente do Brasil, são inegáveis a maior visibilidade da questão racial e os marcos importantes quanto à representatividade e à luta pelo fim da discriminação. No entanto, para além do reconhecimento do avanço que já foi feito, é sempre importante conhecermos – ou lembrarmos – os movimentos e organizações que estão na linha de frente desse combate cotidiano. O Movimento Negro Unificado é uma delas. A demarcação de terras indígenas, a lei de cotas, o ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas, o Dia Nacional da Consciência Negra... Nada disso foi dado de mãos beijadas pela tradicional elite política brasileira. São todas vitórias importantes que não foram obtidas sem manifestações, pressão direta, apoio popular e muita luta política das organizações que sempre tiveram o combate ao racismo como prioridade e razão de existência. São inúmeras as implicações do racismo e dos resquícios da mentalidade escravocrata para a população negra, que hoje é maioria (pretos e pardos compõem 56% do total, segundo o IBGE). Dentre elas estão maior número de assassinatos, violência policial, oportunidades reduzidas de educação e emprego, encarceramento em massa, trabalho precarizado como mão de obra barata da classe média.” (MNU-Bahia, 2026).

❖ **Racismo ambiental:**

Sobre o termo racismo ambiental, na publicação “Direitos Humanos e Empresas: violações socioambientais e mecanismos de denúncia”, do Instituto PACS, encontramos o que foi definido por Benjamin Chavis, líder afro-americano da luta por direitos civis:



“Racismo ambiental é discriminação racial nas políticas ambientais. É discriminação racial no cumprimento dos regulamentos e das leis. É discriminação racial no escolher, deliberadamente, comunidades de cor para depositar rejeitos tóxicos e instalar indústrias poluidoras. É discriminação racial no sancionar oficialmente a presença de venenos e poluentes que ameaçam as comunidades de cor. E discriminação racial é excluir as pessoas de cor, historicamente, dos principais grupos ambientalistas, dos comitês de decisão, de comissões e das instâncias regulamentadoras” (CHAVIS, 1993, apud NASCIMENTO, 2014, p. 43).

Assim, “[...] são várias as formas pelas quais acontece o racismo ambiental. Desde as institucionalidades reguladoras, passando pelo modelo de desenvolvimento, até a constituição dos movimentos ambientalistas. Todas elas esbarram na naturalização da exclusão, na falta de participação e de acesso. Questões que se relacionam diretamente à desigualdade de poder sobre o ambiente. Qual a cor da pele da população dos locais com menores índices de acesso à água potável e saneamento básico? Quem pode escolher o que é feito com o território em que vive? Quais grupos ditam as regras do modelo de desenvolvimento hegemônico? Quem tem direito de dizer não a um megaempreendimento? São algumas das questões que movem o debate no Brasil. (PACS, 2021, p. 191-192).

O racismo ambiental vivenciado nas áreas rurais, nas periferias e nas favelas - na histórica desigualdade de acesso a direitos sociais, como moradia digna, água potável, esgotamento sanitário, trabalho, trans-

porte, saúde, educação, lazer, entre outros - vem sendo agravado pelas mudanças climáticas e o colapso das condições socioambientais. Contudo, as alternativas se encontram nos territórios e nas comunidades tradicionais e das classes trabalhadoras populares, com suas estratégias de sobrevivência, de solidariedade e de bem viver.

Referência bibliográfica:

EVARISTO, Conceição. **A noite não adormece nos olhos das mulheres**. Poemas da recordação e outros movimentos, p. 26-27, 2017.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na Cultura Brasileira, In **Revista de Ciências Sociais Hoje**, Rio de Janeiro, Anpocs, 1984, p. 223-244. 1984, p. 10 - https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/bitstream/192/10316/1/06_GONZALES__L%c3%a9lia_Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira_1.pdf

MNU- Bahia. **“Quem somos”**. <https://mnubahia.com.br/historia/>

NASCIMENTO, Elielvir; M. FILHO, a. I. da S. Filosofia Crítica da Raça e Crítica do Capitalismo em Achille Mbembe. In **Polymatheia Revista de Filosofia**. Edição Especial. Vol. 6. N. 03. Fortaleza, UECE: 2023. P. 134-160. <https://revistas.uece.br/index.php/revistapolymatheia/article/view/12172>



PACS. **Direitos Humanos e Empresas:** violações socioambientais e mecanismos de denúncia, 2021. <https://biblioteca.pacs.org.br/publicacao/direitos-humanos-e-empresas-violacoes-socioambientais-e-mecanismos-de-denuncia/>

REY, Beatriz. R. V. Entenda o que foram as Leis Jim Crow nos Estados Unidos. In **Politize**, 20 de março de 2023. <https://www.politize.com.br/leis-jim-crow/>



Redação

Carmen Verônica dos Santos Castro

Revisão

Aline Alves de Lima

Ana Luisa Queiroz

Mylena Melo

Thaís Matos

Diagramadora

Carol Barreto

REALIZAÇÃO



APOIO



